

CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS VIVÊNCIAS DE UMA PROFESSORA NORDESTINA

Priscila Cabral de Sousa¹ 

Vera Lúcia Caixeta² 

Resumo: O presente artigo objetivou visibilizar as experiências de uma mulher nordestina, que distante do padrão das “grandes personagens históricas” pertence às margens. Para isso, utilizou-se da entrevista, técnica presente na metodologia da História Oral, enquanto meio de obtenção da matéria prima desse trabalho: o relato de uma mulher, auto expressão de uma vida feminina e de suas formas de existência e resistências. Trata-se de considerações acerca dessas vivências em território maranhense, que ao longo de sua juventude e fase adulta, marcaram-na e definiram-na profissionalmente. Mais do que transcrição de informações, esse texto contém análises e considerações acerca de sua identidade constituída e reconstituída em cada temporalidade. Pretende-se com as considerações aqui realizadas contribuir para a visibilização das mulheres das fronteiras sociais que oscilam entre a visibilidade e os apagamentos.

Palavras-chave: História de vida. Identidade Feminina. Mulheres. História Oral.

CONSIDERATIONS ABOUT THE EXPERIENCES OF A NORTHEASTERN BRAZILIAN TEACHER

Abstract: The present article aimed to show the life experience of a northeastern brazilian woman, who far from the standart of the « big historical characters » belongs to the margins. To this end, the interview was used, technique which is part of the Oral History methodologie, as a mean of obteaning this work’s raw material: the report of a woman, self-expression of a feminine life and it’s forms of existance and resistance. These are considerations about her life experiences at Maranhão’s territory, which throughout her youth and adulthood, marked and difined her, above all, professionally. More than informations transcription, this text contains analyzes and considerations regarding her identity, which was constituted and reconstitued in each temporality. It is intended with the considerations made here to contribute with the visibility of women who are are part of social boundaries, who oscillate between the visibility and the erasure.

Keywords: History of Life. Feminine Identity. Women. Oral History.

CONSIDÉRATIONS À PROPOS DES VÉCUS D’UNE ENSEIGNANT DU NORD-EST BRÉSILIENS

Résumé: Le présent article avait pour objectif rendre visible les experiences de vie d’une femme du nord-est brésiliens, qui loin de la norme des « grands personnages historiques »,

¹ Possui graduação em História Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA (2014) e Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de História pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz - Facibra (2015). Atua como professora efetiva de História da Secretaria Municipal de Educação de Balsas (MA) e contratada no Colégio Marista São Pio X. Cursa o Mestrado na Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de História, com ênfase em Ensino de História, História das Mulheres, estudos de gênero e Educação Patrimonial.

² Doutora em História Social pela UFRJ e Mestre em História pela Universidade de Brasília. Desde novembro de 2005, é professora da Fundação Universidade Federal do Tocantins nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em História. Em 2014 foi incorporada ao Programa de Pós-Graduação em História, PROFHISTÓRIA. Em maio de 2018 assumiu a coordenação do PROFHISTÓRIA, UFT. Os temas de pesquisa estão focados nas narrativas de médicos e padres sobre a região norte de Goiás (atual Tocantins). Além da preocupação com a história das mulheres e com a aprendizagem histórica.

appartient à la marge. Pour cela, l'interview a été utilisée, une technique présente dans la méthodologie de l'Histoire Orale, tant que façon d'obtenir la matière première de ce travail : le rapport d'une femme, l'expression de soi d'une vie féminine et ses formes d'existence et de résistance. Il se concerne des considérations sur ses expériences de vie au territoire du Maranhão, qui, tout au long de sa jeunesse e vie adulte, l'ont marquée et définie, surtout, professionnellement. Plus qu'une transcription d'informations, ce text contient des analyses et des réflexions sur son identité construite et reconstruite à chaque temporalité. L'objectif des considérations ici effectués consiste à contribuer à la visibilité des femmes sur les frontières sociales qui oscillent entre la visibilité et l'effacement.

Mots clés: Histoire de vie. Identité féminine. Femmes. Histoire Orale.

CONSIDERACIONES SOBRE LAS EXPERIENCIAS DE UNA MAESTRA DEL NORESTE BRASILEÑO

Resumen: Este artículo tenía como objetivo mostrar las experiencias de una mujer del noreste, que, lejos del estándar de los "grandes personajes históricos", pertenece a los márgenes. Para eso, utilizamos la entrevista, una técnica presente en la metodología de la Historia Oral, como medio para obtener la materia prima para este trabajo: el informe de una mujer, la autoexpresión de una vida femenina y sus formas de existencia y resistencia. Estas son consideraciones sobre estas experiencias en Maranhão, que a lo largo de su juventud y edad adulta la marcaron y la definieron profesionalmente. Más que transcribir información, este texto contiene análisis y consideraciones sobre su identidad constituida y reconstituida en cada temporalidad. Se pretende con las consideraciones hechas aquí para contribuir a la visibilidad de las mujeres en las fronteras sociales que oscilan entre la visibilidad y el borrado.

Palabras clave: Historia de vida. Identidad femenina. Mujer. Historia oral.

Introdução

Muitos são os estudos que demonstram, analisam e expõem a trajetória histórica feminina. Inserida no eixo temático da História das Mulheres, ousamos utilizar da metodologia da História Oral para entrevistar, em 2019, a professora de língua portuguesa, Lucinalva Rego Ribeiro, com 47 anos de idade e natural da cidade maranhense de Nova Colinas. A gênese desse trabalho deu-se no contexto da disciplina *Poder, Territórios e Identidades: As narrativas de mulheres do Norte*, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT-UFT). Assim, com o objetivo de pensar as mulheres a partir de suas realidades, foi solicitado, como atividade final, a produção de artigo científico destacando as rotas, os ritos e os sonhos de mulheres do norte, cujas vidas estão submersas no esquecimento.

Logo, este texto pretende contribuir para a visibilização de mulheres que passam despercebidas aos olhos dos(as) pesquisadores(as) e até mesmo de outras pessoas próximas acostumadas a ver seu labor. Estas mulheres, que até pouco tempo foram consideradas sem relevância na trama histórica, muitas vezes por estarem em posição secundária a de outros membros de sua família, até chegam a desconsiderar a relevância de suas próprias experiências (RAGO, 2018, p. 206).

As críticas a esses apagamentos podem ser consideradas como alguns dos efeitos dos movimentos feministas, a partir dos quais emergiu uma História cujo o “objeto” é a “mulher”. Nesse sentido, consideramos a concepção de Michelle Perrot, para quem essas conquistas resultaram da percepção consciente das mulheres acerca “da dimensão sexuada da sociedade e da história” (PERROT, 2019, p. 15).

Apesar de bastante relevante para a valorização das mulheres como sujeitos históricos, essa nova abordagem historiográfica, que emergiu a partir de 1970, na Europa e nos Estados Unidos, devido sua hegemonia branca e de classe média, também pode ser criticada. Na concepção da escritora Oyèrónké Oyéwùmí, existe distinção entre as mulheres e sobre elas recaem múltiplas formas de opressão, portanto, “gênero não pode ser abstraído do contexto social e de outros sistemas hierárquicos” (OYÉWÙMÍ, 2018, p. 173). Logo, a autora afirma que a concepção teórica que emergiu do chamado feminismo branco não abarca as particularidades de todas as mulheres ao considerar o *gênero* como única categoria de análise.

Partindo deste mesmo viés, Carla Akotirene considera “oportuno descolonizar perspectivas hegemônicas sobre a teoria da interseccionalidade e adotar o Atlântico como *locus* de opressões cruzadas” (AKOTIRENE, 2018, p. 15). O que ela, assim como outras representantes do movimento feminista negro pretendem, é propor novas epistemologias que fujam da abordagem teórica inicial fundamentada exclusivamente na categoria de análise gênero, e que por isso não se aplica as realidades de diversas mulheres, muito menos explica as formas de opressão que lhe recaem. Essas discussões em torno da epistemologia feminista trouxeram para o debate a interseccionalidade³ como fundamento político para as lutas das mulheres de cor.

De qualquer forma, para Perrot, “escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas” (PERROT, 2019, p. 16). Todavia, romper o silêncio sobre as personagens históricas femininas impõe superar o obstáculo das fontes. Assim, representar as experiências de mulheres cujos vestígios de sua atuação não constam em documentos escritos ou iconográficos requer utilizar uma fonte que para os(as) pesquisadores(as) tradicionais não era tida como confiável: o relato de vida. Nele é possível encontrarmos a “vivacidade do passado” e “vivenciar outras experiências”

³ Este termo foi cunhado por Kimberlé Crenshaw, intelectual afro-estadunidense, cujo objetivo inicial era pensar a realidade das mulheres africanas e afrodescendentes dando suporte teórico-metodológico, observado o duplo ocultamento a qual estavam expostas: ocultadas pelo feminismo branco cujas reflexões pautavam-se na experiência das mulheres euro-estadunidenses e pelo movimento antirracista que não considerava a hierarquia entre homens negros e mulheres negras, apenas entre brancos e negros (AKOTIRENE, 2018, p. 14-16).

(ALBERTI, 2004, p. 18). Nesse sentido, optamos pela metodologia da História Oral, conforme abordagem de Alessandro Portelli:

[...] um território relativamente inexplorado, localizado no cruzamento entre História, Antropologia, Linguística e Literatura. O nome desse território é *história oral*: uma narração dialógica que tem o passado como assunto e que brota do encontro do sujeito que chamarei de *narrador* e de outro sujeito que chamarei de *pesquisador* – encontro geralmente mediado por um gravador ou um bloco de anotações (PORTELLI, 2010, p. 210).

De certo, como sublinha o autor, a História Oral é um campo interdisciplinar e exige, portanto, um diálogo com outros campos do conhecimento, ampliando nossos horizontes. A entrevista, além de ser um encontro entre o sujeito *narrador* e o sujeito *pesquisador*, é uma troca entre sujeitos, pois se utiliza de uma metodologia que privilegia o diálogo e a colaboração. Assim, o(a) pesquisador(a) de História Oral precisa adotar uma postura ética em relação a seu/sua entrevistado(a): a de saber escutar. Sendo então, todo o processo da pesquisa, um conjunto de ações que consistem em primeiramente saber ouvir para então contar. Enfim, a entrevista, resultado desse diálogo/escuta, é apenas a fonte de pesquisa a partir da qual será realizada a análise pelo(a) pesquisador(a).

A partir da abordagem proposta e da particularidade da fonte deste trabalho, considera-se a questão da identidade segundo a percepção de Stuart Hall, para quem esta, desde a modernidade, é diversa e mutável:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (HALL, 2000, p. 108-109)

Para o autor, o discurso é o local onde a identidade se constitui, e é neste que se forma o ponto de identificação que sustenta uma coerência entre a trajetória individual e social do sujeito. Assim, ao tratar de identidade estamos nos referindo a constituições narrativas historicamente condicionadas e discursivamente construídas.

Todavia, é impossível falar de identidade, seja individual ou coletiva, sem considerar a memória. Segundo Joël Candau (2011, p. 61), “é o conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge da memória”. Para Michael Pollack (1992,

p. 201), “os acontecimentos vividos pessoalmente” fazem parte dos elementos da memória e esta constitui a identidade do indivíduo e/ou do grupo. Assim, é possível afirmar que a identidade é constituída de memórias, através das quais são selecionados os eventos “relevantes”, de modo a organizá-los ou reorganizá-los num processo contínuo de construir-se.

A partir da realização da entrevista e das reflexões teóricas necessárias levantamos as seguintes questões: o que a entrevista documenta? Quem é a mulher que emerge da entrevista? Como ela constrói/interpreta sua trajetória de vida? Como ela se expressa e representa a si para o mundo exterior e como as implicações históricas influenciam nessa construção identitária?

Ao tentar contribuir para dar visibilidade às mulheres do Norte, historicamente excluídas da produção acadêmica e dos livros didáticos, analisamos a identidade da colaboradora como condicionada a acontecimentos que formam sua identidade. Assim, concorda-se com Alberti (2004, p. 18) quando afirma que a compreensão do indivíduo passa pela imprescindível compreensão de sua historicidade. Portanto, a partir do perfil identitário da entrevistada buscou-se traçar considerações sobre a identidade feminina na atualidade.

Rotas e ritos: trajetória de vivências e manutenções de sobrevivência

Nessa parte do texto, apresenta-se a colaboradora, sendo relatada sua trajetória e destacando-se as rotas, os ritos e sua construção identitária dentro das experiências vividas e em cada processo de territorialização. Para isso, faz-se necessário primeiramente situar a entrevista no espaço-tempo, bem como as particularidades envolvidas na seleção da colaboradora. Essa entrevista ocorreu no mês de março de 2019, com o intuito de produzir uma entrevista filmada, que resultaria em um artigo no final da disciplina. Para isso, todos os procedimentos éticos exigidos pela metodologia da História Oral foram tomados: uma mulher foi convidada; os objetivos da pesquisa, assim como as finalidades de seu relato gravado, foram-lhe explícitos; e, um termo de assentimento para o uso dos dados foi apresentado e assinando tanto pela entrevistadora quanto pela colaboradora.

É importante esclarecer que a escolha da professora Lucinalva Rego Ribeiro esteve ligada, primeiramente, à sua aceitação em participar da pesquisa. A colaboradora aqui retratada é natural da região nordeste e pertence à cidade de Nova Colinas, região sul do estado do Maranhão. Mesmo não sendo “do Norte”, seu enquadramento se dá

pelo propósito em se fazer “ouvir a voz” das mulheres das margens, ou seja, das que não estão em cargos políticos de grande evidência, que não se destacam por uma rentabilidade financeira exorbitante, que não revolucionaram a ciência ou se arriscaram em conflitos bélicos mundiais. Enfim, as mulheres das margens são àquelas dos lugares *comuns*, cujos olhos já estão habituados a vê-las neles, mas não percebem a relevância de sua atuação, não ouvem sua voz, não valorizam suas experiências porque não realizaram “grandes feitos”, mesmo quando se trata de uma professora e com uma longa trajetória no ensino. Em seu relato, é forte a referência que faz acerca de sua formação docente e atuação profissional:

[...] sou professora, trabalho com Língua Portuguesa no ensino médio e no ensino fundamental. Sou formada em Letras, e [...] sou tecnóloga em administração de empresas e formada também no curso superior de Administração de empresas pela UEMA e trabalho há 18 anos na educação. (RIBEIRO, 2019)

De acordo com sua fala, Lucinalva formou-se em Letras Licenciatura na Universidade Estadual do Maranhão, na capital São Luís, e ao visualizar uma possibilidade de ocupar uma vaga de trabalho no Banco Bradesco, município de Balsas, ela mudou-se. Mas, sendo aprovada nos concursos das redes municipal e estadual de educação, deixou a função de bancária e passou a trabalhar como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II e Médio. Já como funcionária pública fez uma especialização em Tecnólogo em Administração de Empresas e, em seguida, ingressou na faculdade de Administração de Empresas na mesma instituição superior em que cursou Letras, porém no campus da cidade de Balsas, onde residia desde o final de 2001.

Na narrativa de Lucinalva nota-se, como forma de resistência, a capacidade de reorientação de trajetória frente às dificuldades de ingressar no curso de Direito, seu objetivo inicial:

Meu objetivo era fazer direito, só que há 25/26 anos atrás era muito difícil você passar numa universidade pública, porque a concorrência era muito grande, principalmente para Direito, que era um curso muito difícil, né? Fiz o ensino médio numa escola muito boa em São Luís, mas foi muito difícil encarar. Então eu passei cinco anos fazendo cursinho e me preparando pra Direito. Eu não consegui e acabei passando pra Letras, eu lembro que eu passei em 6º lugar pra letras. Então eu disse assim: é o que eu tenho né? É o que eu tenho pra hoje... Então eu vou cursar. E eu fui cursar Letras, mas nunca foi minha paixão [...]. (RIBEIRO, 2019)

Decidir ingressar no curso de Letras, assim como ter prestado vestibular para uma área diferente da que almejava, demonstra um rito de sobrevivência, visto que significava uma ascensão social, um diferencial em relação a pessoas sem curso superior, em uma época que o número de estudantes de graduação no Maranhão era menor. Na afirmação “E eu fui cursar Letras, mas nunca foi minha paixão” nota-se o caráter contingencial que é sua condição atual de professora na Educação Básica.

Segundo Jörn Rüsen (2014, p. 256-258), a contingência, enquanto uma experiência do temporal, ocorre “quando ações levam a resultados não intencionados”, como uma eventualidade. Logo, a identidade profissional (experiência presente) posta nessa conexão narrativa, em seu relato dos acontecimentos, faz desaparecer o caráter contingente em questão, mas que se faz ainda presente na afirmação: “nunca foi minha paixão” (RIBEIRO, 2019).

Todavia, é importante frisar que o caráter contingencial da experiência presente não foi posto como discurso moral que visa negativá-la, mas colocada com o intuito de apontar para a capacidade de redirecionamento de intenções norteadoras de suas ações, permitindo-lhe a própria evolução, conforme afirmação abaixo:

[...] já que eu passei no curso de Letras, então era alguma coisa, eu tinha que fazer. Mas a partir do momento que eu entrei na sala de aula eu fui adquirindo, né... eu fui gostando da profissão, e fui ficando, fui ficando, e hoje eu acho que vou me aposentar nessa profissão (risos). Gosto, gosto de dar aula. (RIBEIRO, 2019)

Esse processo de adaptação também está presente no trecho de fragmento abaixo:

Eu fui [aprovada] tanto pela rede municipal e do estado. Fiquei uns seis anos trabalhando como tutora do Núcleo Tecnológico de Educação aqui da região de Balsas. E trabalhei com os professores, fazendo formação, orientando os professores a trabalhar com o uso das tecnologias que é uma das grandes paixões que eu tenho. (RIBEIRO, 2019)

Através de seu relato é possível notar que o objetivo de se formar em Direito foi o evento a partir do qual vários outros acontecimentos se desencadearam em uma tessitura que marca uma parte importante de sua trajetória de vida. No intuito de cursá-lo ela saiu de sua cidade natal, Nova Colinas (MA), e se mudou para São Luís, capital do estado. Graduada em Licenciatura em Letras, pôde aproveitar a oportunidade de concorrer a vagas de professora na Educação Básica, e, sendo aprovada em concursos

das redes municipal e estadual ganha uma estabilidade profissional e financeira como funcionária pública.

A partir disso, pode-se afirmar que a trajetória de Lucinalva é marcada por várias territorialidades que, segundo Marcos Aurélio Saquet (2008, p. 88), constitui “um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos”. Logo, está diretamente relacionado com as mudanças de cidade que precisou fazer para estudar e trabalhar. Ou seja, está relacionado aos diferentes espaços. Com isso, não se pretende afirmar que espaço e território têm o mesmo conceito e/ou fazem referência a uma mesma coisa. O objetivo é deixar explícita a interdependência existente entre eles. Nas palavras de Saquet (2008, p. 83), “um está no outro”.

Assim, a cidade de Nova Colinas, que para Lucinalva precipuamente foi um território do cotidiano e das trocas, ao mudar-se para São Luís passa a ser esse seu território de referência, local da sua gênese identitária, onde nasceu, passou a infância e a adolescência. De onde também carrega lembranças provavelmente conflitantes, mas principalmente afetivas, pois lá ainda é o local dos seus laços familiares mais fortes, como sua mãe, que ainda mora na cidade. No que concerne ao conceito utilizado de *território de referência*, Saquet afirma que este “tem caráter predominantemente histórico e imaginário, é material e imaterial (memória individual e/ou coletiva); é o território a que se habituou ou se conhece através de leituras e lembranças, que podem ser afetivas ou conflituosas” (RAFFESTIN, 2003, *apud* AQUET, 2008, p. 84-85).

Portanto, ao deixar a cidade de origem e local de referência identitária inicial (territorialidade), diz-se que ela passou por um processo de (des)territorialização. Já em São Luís experienciou a reterritorialização, que certamente consistiu em se readaptar no novo espaço, apropriando-se daqueles modos de coexistência e se modificando através das relações sociais com os indivíduos do novo lugar. Pode-se afirmar que esse processo foi novamente realizado por Lucinalva quando se mudou de São Luís para Balsas.

Essa efetivação, em diferentes territórios, relaciona-se duplamente com a identidade. Segundo Stuart Hall (2000, p. 109), “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos”. Assim, sua narrativa consiste em um processo de autoafirmação identitária externada, ao menos durante a entrevista fornecida, centrada na sua trajetória profissional e de formação educacional.

Sendo assim, o esforço para traçar uma trajetória profissional e de formação educacional é um trabalho extremamente necessário para as mulheres historicamente invisibilizadas, muitas vezes exploradas e/ou desqualificadas socialmente. Como salienta a intelectual negra bell hooks (1995, p. 468), “dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente”. Assim, ao narrar, o sujeito se descobre com uma rica e importante trajetória e acaba por “descolonizar” sua mente.

Sonhos: as perspectivas para o futuro e a presença da idealização social sobre o destino da mulher

Nessa parte do texto, pretende-se destacar as perspectivas para o futuro relatadas por Lucinalva, assim como identificar em sua narrativa as interpelações acerca das representações femininas e o que se espera que façam, como agir e como devem ser. Encorajada a falar de seus sonhos e perspectivas futuras, a colaboradora destacou:

[...] pretendo dar aula na universidade e pra isso estou me preparando. Então, agora meu foco é esse. E, tem claro, né, e isso não é nem um objetivo é uma obrigação, é uma obrigação voltar pra casa, pra cuidar da minha mãe que já tá idosa. Então, e, voltando pra casa eu pretendo montar um negócio pra mim, já tenho ideia, então montar um negócio fora da educação... uma loja, uma coisa assim. (RIBEIRO, 2019)

Entre as possibilidades, a colaboradora sublinhou que almeja continuar na docência, mas como professora no Ensino Superior, atividade para a qual já está se preparando. Além disso, faz alusão de retornar para o seu *território de referência*, Nova Colinas. Porém, não só para o lugar, e sim para o laço afetivo e familiar que tem com a mãe. Além disso, é notável seu desejo de se reorientar quanto a projetos profissionais, buscando “montar um negócio fora da educação”, o que contrasta com as ações voltadas para ingressar no curso superior. Todavia, esse paradoxo evidencia um aspecto fundamental do qual não se pode esquecer: a vida é dinâmica e apresenta possibilidades de atuação, mesmo que para alguns e algumas seja com maior diversidade do que para outros(as).

Ao mencionar em seu relato que precisa voltar para casa para cuidar da mãe que já está idosa, nota-se representações acerca do que seja um comportamento feminino: cuidar. Não que não se deva cuidar dos pais. A questão aqui posta é a cobrança social em torno do cuidado (não só dos pais) que recai sobre as mulheres de forma que não incide com a mesma intensidade sobre os homens.

Segundo Maria Izilda Matos e Andrea Borelli (2013, p. 138-39), ao longo dos séculos XIX e XX, incentivou-se as meninas a desenvolverem características femininas como ser cuidadosa, dócil, abnegada, esmerada, cautelosa e paciente de forma que desempenhassem com êxito as funções de esposas, mães e filhas sendo essas atribuições consideradas em muitas profissões requisitos para a “boa” profissional, como enfermeiras, dentistas e professoras.

A tarefa de cuidar é uma das representações que une as mulheres na construção de sua subjetividade. Mas, qual a relação entre cuidado e violência? Strey (2011), a partir do conceito de violência de Burlae (2002), afirma que esse é a violação de território ou o ato de manter uma pessoa cativa dentro de um território. Assim, as mulheres estão inseridas numa norma cultural, “que permite e incentiva que sua energia e seus corpos sejam territórios invadidos, ou que as mantém cativas em seu território. As normas culturais oferecem papéis nos quais as mulheres devem dirigir sua energia para os outros de maneira extrema” (STREY, 2011, p. 25). Enfim, violência “é a sensação de ser mantida cativa pelas barreiras do sexismo, do racismo, da pobreza, do medo, das normas culturais ou dos obstáculos físicos reais” (STREY, 2011, p. 25-26).

Historicamente, a norma apresenta as mulheres como criaturas doces, dedicadas e abnegadas, que se satisfazem diariamente em favor do cuidado com os outros. A mãe que põe os filhos(as) em primeiro lugar. A esposa que faz de tudo para propiciar conforto e segurança ao marido. A filha dedicada que desiste de sua própria vida para dar amparo ao pai ou à mãe doente. A mulher que trabalha e cuida da casa, dos filhos, do marido e da comida. Enfim, a figura do “anjo da casa” marca as características esperadas tradicionalmente das mulheres na família e na sociedade patriarcal.

O problema é que, se uma mulher é considerada em função dos outros, pode não ser admitido que ela tenha um espaço pessoal próprio. Nesse caso, invasões não serão consideradas invasões porque são as próprias normas culturais que permitem ou induzem a essas invasões. Enfim, “as violências sofridas pelas mulheres, por serem mulheres, vão desde, aparentemente constrangimentos sutis, até a perda da vida” (STREY, 2011, p. 30).

Indagada se já sofreu em sua trajetória algum tipo de preconceito ou discriminação por sua condição de mulher, a entrevistada afirmou que:

[...] essa questão de ser professora e de ser mulher, se eu já sofri algum tipo de discriminação, se eu acho que eu ganho [pouco]... [...] nessa área, [...] eu não sinto isso, [...] até porque, na questão pública, é... Todos ganham igual, ganha

por mérito, ganha pelos anos e certificados que você tem. Então não existe isso na questão pública e no particular... Não, eu não vejo essa questão, a gente sabe que existe discriminação, que nossa sociedade ainda valoriza o homem... Ainda é machista, eu não sinto isso, é... Na minha pessoa. (RIBEIRO, 2019)

Segundo Lucinalva, a diferença salarial entre professoras e professores seria um indicativo de sexismo e discriminação em sua profissão. No mais, ela ressalta a questão da igualdade salarial relacionada ao plano de carreira dos profissionais da educação pública, que considera além do tempo de serviço o constante aperfeiçoamento. Cabe, porém, ressaltar o caráter histórico do magistério como uma profissão feminina. Segundo Matos e Borelli (2013, p. 13), “entre 1835 e 1890, o magistério tornou-se basicamente feminino, na medida em que passou a ser visto como um campo por excelência de mulheres, apreciadas como mais capazes de cuidar, educar e disciplinar as crianças”, todavia, o valor pago por esse trabalho diminuiu. Por outro lado, Medicina, Engenharia e Direito eram profissões que exigiam nível superior, porém este era um espaço masculinizado. Enfim, as mulheres com o magistério serviam para serem professoras e mal pagas, já os homens, poderiam alçar carreiras de prestígio social.

Podemos afirmar que os reflexos das desigualdades sociais incidiram sobre a trajetória educacional de Lucinalva que, após anos de cursinho, precisou desistir do curso de Direito. A colaboradora afirmou que “há 25/26 anos atrás era muito difícil você passar numa universidade pública, porque a concorrência era muito grande, principalmente para Direito, que era um curso muito difícil” e, por isso, ela resolveu fazer Licenciatura em Letras. Aqui se juntam os marcos das exclusões de classe e de gênero, porém, tão naturalizados porque associados à meritocracia e não ao privilegiamento de classe e de gênero.

A naturalização da superioridade masculina, em especial nos cursos e nas carreiras de maior prestígio, está associada aos estereótipos de gênero. Um desses estereótipos mais onipresentes na nossa sociedade é aquele que representa as mulheres como naturalmente dotadas de instintos que as fazem as únicas aptas para cuidar das crianças. Assim, mesmo que a mulher tenha uma longa jornada de trabalho, uma boa carreira, um ótimo salário e um cargo público, a responsabilidade pela família continua sendo imposta pelos outros e por si mesma como prioritária. Essa é a força dos estereótipos consagrados (STREY, 2011, p. 29-32).

Lucinalva é uma mulher com bastante autonomia, especialmente quanto a qualquer figura masculina:

Até porque, eu não sei, pelo fato de ser solteira, é... tenho 47 anos, sou solteira, então eu sempre fui independente, pra resolver minhas coisas eu não tenho ninguém atrás de mim pra resolver nada por mim. Então não posso dizer que eu tenho um marido, eu tenho irmão, eu tenho pai, eu não tenho ninguém, sou eu, eu, eu. Então quando eu tenho que resolver uma coisa, eu vou lá e resolvo [...]. (RIBEIRO, 2019)

Sua condição de mulher solteira aponta para as mudanças na constituição das relações sociais presentes desde o final do século XX. A ausência de uma figura masculina, o foco na realização profissional, na autonomia financeira, reflete mudanças no ideal feminino, longe do casamento e da maternidade. Sua identidade de mulher “autônoma” e “batalhadora” que, de certa forma rompe com o destino que se esperava das mulheres, tem referências na figura de sua mãe, cujas experiências lhe inspiram as ações:

E vejo também muito pela questão da minha mãe, que minha mãe também é viúva e [...], apesar de ter quase 80 anos, ela é muito independente, ela faz as coisas todas só, ela não precisa de ninguém, ela vai lá e ela resolve, ela quer alguma coisa... Então, a gente se espelha muito, eu me espelho muito naquela mulher que é forte. (RIBEIRO, 2019)

A ausência de uma figura masculina dá a força da expressão de autossuficiência da mãe e da filha. Esse é um exemplo da mudança no ideal feminino. Assim, a autorrealização feminina inclui a independência da mulher, pauta-se em sua inserção em atividades profissionais fora do lar (em alguns casos), autonomia financeira, liberdade sobre seu corpo e sobre seu destino.

De acordo com Pinsky (2013, p. 531), apesar de não ser mais uma obrigação para as mulheres casadas, nem motivo de vergonha e hostilidade para as solteiras, a maternidade ainda é, no final do século XX, algo que se espera de uma mulher em qualquer momento de sua vida. Essa expectativa social é notável na fala de Lucinalva quando afirma:

[...] uma coisa que independe de mim é o fato de não ter sido mãe, né, com 47 anos, hoje não dá mais, e, acho que isso é uma falta pra qualquer mulher, acho que a mulher sente, é... só aquelas que são totalmente né, desligadas disso, que decidiram que não queriam ter filho. Eu não, eu sempre quis, então o fato de não ter tido filho, isso a gente sente, que alguma coisa eu deixei pra trás, alguma coisa eu falhei, mas eu reconheço que isso independe de mim, essa questão de ter filho, eu tentei, e eu não tive, então, tá na mão de Deus e eu me conformei. (RIBEIRO, 2019)

Segundo Eni Orlandi (2013, p. 30-34), o sujeito não domina o processo de significação, ao passo que o discurso está investido de significado composto pela

historicidade das experiências passadas que interpelam ideologicamente o sujeito, influenciando sua memória discursiva. A liberdade feminina quanto a seu destino é um fato para muitas mulheres. Escolher entre “ter” ou “não” ter filhos, “exercer” ou “não” a maternidade, ainda é algo que pesa sobre a mulher. A questão aqui abordada a partir do trecho acima, não é uma crítica ao desejo de “ser mãe” manifestado pela entrevistada. O que se põe em evidência e análise é a afirmação: “é uma falta pra qualquer mulher, acho que a mulher sente” que demonstra uma expectativa social acerca da ideia de que toda mulher deve passar por essa experiência.

O risco de solidão na velhice e a não plenitude daquelas em que maternidade não é/ou não foi uma realidade, é bastante disseminada na sociedade. Embora que de forma menos expressiva, de todas as atribuições que a mulher não pode/não deve se abster é a de ser mãe. E essa expectativa social recai tanto sobre aquelas que não conseguiram exercer a maternidade, como Lucinalva, quanto sobre as que decidiram que não queriam. Aqui, portanto, nota-se uma permanência quando a condição feminina em que a identidade materna ainda lhe recai imperiosamente.

Considerações finais

Utilizar as narrativas de vida de mulheres como fonte para a pesquisa histórica carrega significativa relevância, muito além de contribuições para uma epistemologia da História. A pertinência mais evidente, cujos efeitos se fazem sentir nos meios sociais, é a valorização de experiências únicas que contribuem para as reflexões acerca de vários problemas que afetam as mulheres, assim como outros sujeitos no meio social.

Escrever esse artigo exigiu muitas análises acerca do relato de vida da entrevistada e também da trajetória histórica feminina, que não pode e nem deve ser tomada como única para todas as mulheres em todas as temporalidades. Cada indivíduo pertence a seu tempo e isso significa que as conjunturas sociais mudam, os valores diferem e as realidades são diversificadas. Ao longo dessas páginas, buscou-se evidenciar a construção dos papéis femininos e lugares sociais conquistados pelas mulheres. Porém, foi ressaltada a força das representações sociais na construção das identidades femininas.

Sobre a crença do que seja um destino ideal feminino, pautado no modelo da sociedade patriarcal, podemos afirmar que ainda se mantém e integra não só o discurso da colaboradora, mas de muitas outras mulheres. A expectativa de que existem experiências comuns a todas as mulheres muitas vezes condiciona escolhas, tolhe outras

perspectivas. O que fazer? É preciso sacudir os estereótipos de gênero que legitimam a possessão do nosso corpo e das nossas energias em favor dos outros, enfim, é preciso não se conformar com os modelos e os treinamentos recebidos.

Entre as imagens-identitárias presentes na entrevistada ao narrar a si, destacam-se “mulher trabalhadora”, “autônoma”, “solteira e independente”, “economicamente estável”, “admiradora da trajetória de sua mãe”, “profissionalmente reconhecida e valorizada”, “mulher que se reinventa”, entre outras. Todas essas representações estão resumidas em sua referência identitária contida na figura materna expressa na frase: “*eu me espelho muito naquela mulher que é forte*”. Cada uma dessas representações, entre outras não citadas, revelam os processos dinâmicos em que consistem as experiências dos indivíduos na coletividade. Tudo isso faz de Lucinalva uma mulher única no cenário social e, somente por meio dos relatos de vida, possibilitados pela História Oral, foi possível o fascínio de conhecer uma vivência ímpar e refletir sobre a realidade social das mulheres a partir de sua trajetória.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade. In: *O que é Interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2018. p. 11-50.
- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CANDAU, Jöel. Da mnemogênese à memogênese. In: *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 59-82.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. Tradução de Tomaz Tadeu Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, [1996] 2000. p. 103-133.
- HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, jan. 1995.
- MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 126-147.
- OYEWUMI, Oyeronké. Conceitualizando gênero: a fundação eurocêntrica de conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: COSTA, Jeze Bernardino; GROSGOUEL, Ramón. (orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018 (Coleção Cultura Negra e Identidade). p 171-182.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. 2. ed. 6º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

PINSKY, Carla Bassanezi. A Era dos Modelos Flexíveis. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 513-543.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. A entrevista de história oral e suas representações literárias. In: *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e voz, 2010. p. 209-230.

RAGO, Margareth. Autobiografias, gênero e escrita de si nos bastidores da pesquisa. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHIMIDT, Benito Bisso (orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018. p. 205-222.

RIBEIRO, Lucinalva Rego. Entrevista com a professora de Língua Portuguesa Lucinalva Rego Ribeiro. FONTE ORAL: Entrevista gravada concedida à Priscila Cabral de Sousa em 20 de Março de 2019. Balsas – MA: 2019.

RÜSEN, Jörn. Converter tempo em sentido: ensaios de uma tipologia de formações de sentido temporais. In: *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2014. p. 253-301.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma Abordagem Territorial. In.: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério. (orgs.). *Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular; UNESP: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p. 73-94.

STREY, Marlene Neves. Vida de mulher: isto dá muitas histórias. In: STREY, Marlene Neves; PIASON, Aline da Silva; JULIO, Ana Maria dos Santos (orgs.). *Vida de Mulher: gênero, sexualidade e Etnia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 15-34.

Artigo recebido em 09 de março de 2020. Aprovado em 19 de junho de 2020.